

**DEBATES SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO  
DE QUATRO DESAFIOS QUE PRECISAM SER VENCIDOS**  
DEBATES ON LEARNING DIFFICULTIES: A STUDY  
FOUR CHALLENGES THAT NEED TO BE OVERCOME

ISSN: 2674-662X. DOI: 10.29327/2334916.19.1-16

Andréa Almeida Felismino <sup>1</sup>

**RESUMO**

Dentro da educação diversas situações se mostram como limitantes para que o processo de aprendizagem possa efetivamente ocorrer, dentre eles se destacam as dificuldades de aprendizagem, que são situações em que fatores diversos agem para dificultar o processo de aquisição do conhecimento. O artigo que é uma revisão de literatura, que tomou como base artigos diversos, livros e demais trabalhos acadêmicos da área de interesse se debruça não só nesses processos das dificuldades de aprendizagem, mas também apresenta ao leitor as quatro principais dificuldades apontadas pela literatura especializada. O objetivo geral do trabalho é debater sobre as dificuldades de aprendizagem e apresentar um estudo sobre as quatro dificuldades mais recorrentes no cenário educacional. Como objetivos específicos tem-se: conceituar as dificuldades de aprendizagem; explicar sobre a dislexia; apresentar a disgrafia; discutir acerca da disortografia e por fim, apresentar a discalculia enquanto dificuldade de aprendizagem. O trabalho se justifica em função da necessidade de que os professores sejam profundos conhecedores dos agentes causadores das dificuldades de aprendizagem, bem como das possibilidades de intervenção que cada uma demanda, para assim poderem adequar suas metodologias focadas nos alunos, visando a superação dessas situações. O artigo é organizado em um tópico central, que foca na construção dos conceitos das dificuldades de aprendizagem. Sendo seguido por mais quatro subtópicos, onde são apresentadas cada uma das quatro maiores dificuldades de aprendizagem, não só definindo-as, como também, apresentando propostas de intervenção focada em cada uma delas. São elas a dislexia, a disgrafia, a disortografia e a discalculia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dificuldades de aprendizagem; Educação; Aluno.

**ABSTRACT**

Within education, several situations prove to be limiting for the learning process to effectively occur, among which learning difficulties stand out, which are situations in which different factors act to hinder the process of acquiring knowledge. The article, which is a literature review, which was based on various articles, books and other academic works in the area of interest, focuses not only on these processes of learning difficulties, but also presents to the reader the four main difficulties highlighted by specialized literature. The general objective of the work is to debate learning difficulties and present a study on the four most common difficulties in the educational scenario. The specific objectives include: conceptualizing learning difficulties; explain about dyslexia; present dysgraphia; discuss dysorthography and finally, present dyscalculia as a learning difficulty. The work is justified due to the need for teachers to have in-depth knowledge of the agents that cause learning difficulties, as well as the possibilities of intervention that each one demands, so that they can adapt their methodologies focused on students, aiming to overcome these situations. The article is organized around a central topic, which focuses on the construction of the concepts of learning difficulties. It is followed by four more subtopics, where each of the four major learning difficulties are presented, not only defining them, but also presenting intervention proposals focused on each of them. They are dyslexia, dysgraphia, dysorthography and dyscalculia.

**KEYWORDS:** Learning difficulties; Education; Student.

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia em Regime Especial - Licenciatura Plena pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2002). Atualmente é professora da Escola Celina Sá Morais. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/1617149536046661

## INTRODUÇÃO

O artigo aqui desenvolvido traz a luz do debate uma temática imprescindível para o desenvolvimento da educação, pois aborda situação que é extremamente limitante desse processo de construção do conhecimento educacional, as dificuldades de aprendizagem.

O trabalho que é uma revisão de literatura, traz artigos, monografias, livros, revistas, dissertações e teses como arcabouço teórico nos faz refletir sobre a demanda advinda da dificuldade de aprendizagem, e explana os quatro tipos de dificuldades de aprendizagem que são a dislexia, a disgrafia, a disortografia e a discalculia.

O objetivo geral do trabalho é debater sobre as dificuldades de aprendizagem e apresentar um estudo sobre as quatro dificuldades mais recorrentes no cenário educacional. Como objetivos específicos tem-se: conceituar as dificuldades de aprendizagem; explicar sobre a dislexia; apresentar a disgrafia; discutir acerca da disortografia e por fim, apresentar a discalculia enquanto dificuldade de aprendizagem.

A justificativa do trabalho é encontrada na necessidade de aprofundamento que a área das dificuldades de aprendizagem exige, em função de que tal área possui impactos significativos nos processos de como a criança adquire as aprendizagens.

Visando facilitar a leitura do artigo, ele foi dividido em um tópico central, que apresenta o conceito de dificuldades de aprendizagem em todas as suas variantes.

E mais quatro subtópicos distintos, que seguem a mesma sequência estrutural, que é conceituar e apresentar metodologias de intervenções focadas na resolução das quatro dificuldades de aprendizagem específicas, que são a Dislexia, a Disgrafia, a Disortografia e a Discalculia.

Adquirir conhecimento é um dos desafios para a criança que apresenta algum tipo de dificuldade. A partir desse pressuposto, lança-se um desafio ainda maior à escola e aos professores no sentido de valorizar a interação do professor com a criança de forma a aperfeiçoar as condições pedagógicas que facilitem a aprendizagem.

O Desenvolvimento de projetos educacionais voltados a desenvolver nas crianças com dificuldades de aprendizagem confiança em si próprias, sentimento de aceitação, certeza de serem ouvidas, tornando-se capazes e confiantes é fundamental na visão de Pereira et al. (2021). A criança com dificuldades de aprendizagem aprende melhor quando encontra um ambiente que valorize suas habilidades e capacidades, ou seja, que tenha o foco no desenvolvimento das competências.

A educação realmente comprometida com a sociedade e com seus princípios básicos, para Osti (2012), reconhece a necessidade emergencial de erradicar a exclusão escolar proporcionando e desenvolvendo ações pedagógicas capazes de proporcionar a total integração de crianças com dificuldades de aprendizagem, promovendo uma pedagogia centrada na criança, capaz de educar a todos, respeitando suas necessidades e proporcionando a elas uma educação realmente significativa.

Neste contexto, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 32)relata que A responsabilidade de personalizar as situações de aprendizagem destinadas às crianças recai sobre o professor, que deve levar em consideração suas capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas, bem como os conhecimentos prévios sobre diferentes temas e suas origens socioculturais. Isso implica na necessidade do professor em planejar e proporcionar uma ampla diversidade de experiências que atendam, ao mesmo tempo, às necessidades do grupo como um todo e às particularidades individuais de cada criança. As dificuldades de aprendizagem acabam muitas vezes

sendo confundidas com distúrbios de aprendizagem. Porém, devemos observar que quando se fala em distúrbio de aprendizagem trata-se de um quadro de disfunção neurológica e a dificuldade em aprender é própria da criança. Já a dificuldade de aprendizagem é relacionada a questões de âmbito psicológico e/ou socioculturais, ou seja, não é centrada exclusivamente na criança e somente pode ser diagnosticada em crianças cujo déficit de aprendizagem não se deva a problemas neurológicos.

Segundo Sisto (2007), o termo dificuldades de aprendizagem está focado no indivíduo que não responde ao desenvolvimento que se poderia supor e esperar do seu potencial intelectual e, por essa circunstância específica cognitiva da aprendizagem, ele tende a apresentar desempenhos abaixo do esperado. Ainda segundo o autor, escola tem um importante papel na transformação das informações passadas ao aluno, em um saber construído. O que muitas vezes acaba revelando que o fracasso do aluno, na verdade é apenas um reflexo do fracasso do ensino oferecido a ele. A dificuldade de aprendizagem do aluno pode ser influenciada pelo meio em que a aprendizagem ocorre e não puramente por dificuldades cognitivas do aluno.

Os indivíduos com Dificuldade de Aprendizagem podem ser distinguidos em várias habilidades fora da sua área de dificuldade. Podem ser extremamente criativos ou práticos, e isso jamais deve ser esquecido pelos professores que estão em contato direto com esse aluno.

Muitos alunos demonstram talento em áreas como música, artes, relações interpessoais ou ciências naturais. Aqueles que enfrentam dificuldades na leitura podem, surpreendentemente, destacar-se em matemática, enquanto os que enfrentam desafios na área matemática podem revelar brilhantismo na linguagem. É crucial orientar os alunos a explorarem ao máximo seu potencial, adotando abordagens de aprendizado que reconheçam e valorizem suas

habilidades específicas (Sternberg; Grigorenko, 2003, p. 231).

Atualmente podemos observar que apesar de ser um campo complexo e resistente a mudanças, a história está sendo reconstruída no âmbito da educação, onde as práticas pedagógicas adotadas pelas escolas vêm sofrendo um constante processo de mudanças em suas metodologias voltando-as a incluir os alunos

com dificuldades de aprendizagem na aquisição do conhecimento diante das informações passadas a ele. Assumindo assim que a escola pode fazer a diferença para esses alunos.

Ter alunos com diferentes níveis e estilos de aprendizagem possibilita ao professor aproveitar essas diferenças para promover situações de aprendizagem que provoquem desafios, problematizações, questões a serem discutidas e investigadas. Isso deve levar a escola, como um todo, à reflexão conjunta para a resolução de problemas no cotidiano escolar. A escola para todos requer um redimensionamento do fazer pedagógico, a fim de atender às necessidades educacionais especiais de todos os alunos. Os sistemas educacionais devem se reorganizar para construir um espaço escolar democrático que possa acolher todos os alunos, respeitando suas diferenças. (Tristão, 2006, p. 31).

A expressão “dificuldades de aprendizagem”, no entanto, agrupa todos os problemas de aprendizagem, quer sejam intrínsecos ao indivíduo ou relacionados com fatores externos, por exemplo, uma metodologia de ensino desadequada.

Porém, passamos a descrever apenas as que, por possuírem definições exclusivas, causas próprias e características muito particulares, são comumente consideradas “dificuldades de aprendizagem específicas”, ou seja, a Dislexia, a Disgrafia, a Disortografia e a Discalculia, cada uma dessas dificuldades de aprendizagem serão expostas a seguir.

## A DISLEXIA

De acordo com Teles (2009) etimologicamente, dislexia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “lexia” (leitura, reconhecimento das palavras). É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam tipicamente de um déficit na componente fonológica da linguagem que é frequentemente imprevisto em relação a outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que podem impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais.

Acrescenta Fonseca (1999 apud Moura, 2011) tratar-se de uma “dificuldade duradoura” que surge em “crianças inteligentes, escolarizadas, sem qualquer perturbação sensorial e psíquica já existente.” De origem neurobiológica, a dislexia afeta, portanto, a aprendizagem e utilização instrumental da leitura, resultando de problemas ao nível da consciência fonológica, independentemente do quociente de inteligência (QI) dos indivíduos. De fato, contrariamente ao que alguns julgam, a dislexia não está associada a um baixo nível intelectual; pelo contrário, um disléxico pode revelar padrões acima da média, para a sua faixa etária, noutras áreas que não a leitura.

Para Pereira et al. (2021), nunca é tarde demais, para ensinar os disléxicos a ler e a processar informações com mais eficiência. Obviamente, não existe um tratamento padrão adequado a todas as crianças com dislexia, pelo que o recurso a uma intervenção individualizada deverá ser a preocupação principal de quem quer ajudar.

É importante recordar, também, que estas crianças revelam um ritmo de trabalho mais lento quando comparado com os restantes colegas e, muitas vezes,

incongruente, por isso não é de espantar que num dia consiga ler três frases, mas no dia seguinte apresente graves dificuldades na leitura de uma palavra.

Pereira et al. (2021) afirmam que há que se dar tempo ao tempo e, acima de tudo, motivá-la e reforçá-la sempre (por escassos que sejam os resultados positivos) – os autores lembram que a leitura exige dessas crianças um esforço enorme e se ela não faz melhor é porque não consegue e não porque não quer ou porque é preguiçosa. Quando errar, deve ser corrigida imediatamente e deve ser explicado o motivo do erro e como evitar repeti-lo. Deve evitar-se, ainda, obrigá-la a ler em voz alta em frente dos familiares/colegas – a não ser que ela mostre vontade de fazer; esta poderá ser uma tarefa bastante dura e com repercussões drásticas para o seu futuro desempenho.

Na sala de aula, deve estar sentada numa mesa próxima do professor (e não no fundo da sala), para que este possa auxiliá-la sempre que haja necessidade e para que ela se sinta mais confortável quando pretende esclarecer alguma dúvida. Devem, ainda, reduzir-se possíveis focos de distração, como algum colega mais conversador ou algum outro barulho que a possa distrair; estas crianças já estão pouco motivadas para se concentrar, se puderem evitar distrações ambientais tanto melhor, para ela quanto também para o professor.

Hennigh (2003), pede que no momento da avaliação, deve-se evitar questões longas e complicadas, pois a criança poderá demorar mais tempo a tentar compreender a pergunta do que a dar a resposta. Pode, por exemplo, ler as perguntas ou pedir auxílio ao professor de ensino especial e/ou a um colega de turma, para que a criança compreenda o que é solicitado.

A este respeito, Hennigh (2003, p. 69) propõe o recurso aos pares ou a tutoria entre alunos de diferentes idades. Deste modo, a criança disléxica recebe segundo o autor “a assistência de que pode

necessitar quando o professor não está disponível para um ensino individualizado” e “as crianças apreciam o processo de aprendizagem quando interagem com outros alunos da sala de aula ou de outras salas de aula”. Esta poderá ser uma forma de promover um bom relacionamento da criança com os colegas, por exemplo, e/ou de auxiliar o professor, “quando tem uma turma com um grande número de alunos e, obviamente, lhe é difícil chegar a todos”.

Um outro aspeto a ter em conta na intervenção com estas crianças é o recurso a uma terapia multissensorial, isto é, aprender pelo uso de todos os sentidos (Torres; Fernández, 2001). Os métodos multissensoriais são métodos que combinam a visão, a audição e o tato para ajudar a criança a ler e a soletrar corretamente as palavras.

Assim, de acordo com Torres; Fernández, (2001, p. 56) a criança começa por observar o grafema escrito, depois “escreve-o” no ar com o dedo, escutando e articulando a sua pronúncia; posteriormente, deve cortá-lo, moldá-lo em plasticina/fimo/barro e, de olhos fechados reconhecê-lo pelo tato. “A realização destas atividades favorece por isso a criação de imagens visuais, auditivas, cinestésicas, tácteis e articulatórias que, de modo conjunto, incidem na globalização ou unidade do processo de leitura a escrita”.

Os mesmos autores sugerem, ainda, o treino psicomotor (esquema corporal, lateralidade, orientação espaço-temporal), perceptivo-motor (capacidades visomotoras e coordenação manual) e também psicolinguístico (descodificação auditiva, visual, expressão verbal, entre outros). Por último, é importante referir a necessidade de articulação entre todas as pessoas que intervêm junto da criança. Sublinham Rief e Heimburge (2000, p. 127) que “os pais devem estar dispostos a partilhar informações com os professores, assim como devem tentar saber como podem ajudar e apoiar o professor de todas as maneiras possíveis” (e vice-versa).

É extremamente importante que pais, professores, educadores estejam em constante comunicação; só assim se garantirá o rigor e qualidade do trabalho efetuado e se evita, por exemplo, que as crianças estejam constantemente a realizar os mesmos exercícios e a trabalhar as mesmas letras, pois para estas crianças “Há uma grande necessidade de atividades diversificadas que envolvam tanto a expressão corporal como o sabor, o cheiro, a cor e a expressão plástica. Aprender não é falar sobre, é fazer!” e “para aprender bem, é necessário estar envolvido” (Silva, 2004, p. 44 e p. 56).

## A DISGRAFIA

Etimologicamente, disgrafia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), ou seja, é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia.” (Torres; Fernández, 2001, p. 127); prende-se com a “codificação escrita (...), com problemas de execução gráfica e de escrita das palavras” (Cruz, 2009, p. 180).

A criança com disgrafia apresenta uma escrita desviante em relação à norma/padrão, isto é, uma “caligrafia deficiente, com letras pouco diferenciadas, mal elaboradas e mal proporcionadas” (A.P.P.D.A.E., 2011); a chamada “letra feia”. Obviamente que uma criança em processo de aprendizagem da escrita apresenta, naturalmente, dificuldades no traçado das letras.

Assim, durante este período, o professor deverá revelar especial atenção e fornecer as orientações necessárias para que os alunos realizem adequadamente a escrita, evitando, deste modo, na ausência de outras problemáticas associadas, a permanência de traçados incorretos que, conseqüentemente, poderão evoluir para um quadro de disgrafia.

Barbosa et al. (2021), nos falam que para ajudar um aluno com disgrafia – assim

como com qualquer outro distúrbio –, o educador deve, primeiramente, estabelecer uma boa relação com a criança e fazê-la perceber que a sua presença é importante para apoiar quando mais precisar.

É fundamental saber/sentir quando e qual a ajuda que deve providenciar a cada momento, não deixando de elogiar a criança pelo seu esforço, mesmo que os resultados nem sempre estejam de acordo com o esperado; no entanto, deve também ter a capacidade de perceber quando o aluno revela desmotivação e desinteresse e, se necessário, alterar a intervenção, adequando procedimentos visando estimular a criança, pois, na maior parte das ocasiões, a má prestação é, sobretudo, nossa, consequência da utilização de estratégias/métodos insuficientemente atrativos e interessantes. Por este motivo, deve evitar-se aplicar métodos generalizados e inflexíveis.

Outro aspecto bastante importante é destacado novamente por Barbosa et al. (2021), o reforço positivo da caligrafia da criança. Os autores advertem que se precisa lembrar que a criança se esforça bastante para escrever corretamente e, mesmo que não observe grandes progressos, os autores solicitam que os professores elogiem os (escassos) resultados.

Os autores vão além ao indicar até mesmo a forma com se dirigir a criança, com afirmações como “Esse «p» ficou mesmo perfeito!”; “Tiveste o cuidado de não ultrapassar a margem, muito bem!”; ou “Hoje a tua letra está mesmo bonita! Andas a esforçar-te muito!”, poderão surtir efeitos extraordinários! O processo de aprendizagem da escrita é lento e longo e a criança é a primeira a achar a sua letra horrível. Deve evitar-se, por isso mesmo, forçá-la a modificar abruptamente a sua caligrafia.

Devem, também, contemplar-se os aspetos psicómotores, que determinam a aptidão gráfica do indivíduo. Para Camargo (2008) a reeducação do grafismo está relacionada com três fatores fundamentais: desenvolvimento psicomotor, desenvolvimento do grafismo em si e especificidade do

grafismo da criança. Para o desenvolvimento psicomotor, deverão treinar-se aspetos relacionados com a postura, controle corporal, dissociação de movimentos, representação mental do gesto necessário para o traço, percepção espaço temporal, lateralização e coordenação visomotora.

Quanto aos aspetos relacionados com o grafismo, o educador deve preocupar-se para Camargo (2008), com o aperfeiçoamento das habilidades relacionadas com a escrita, distinguindo atividades pictográficas (pintura, desenho, modelagem) e escriptográficas (utilização do lápis e papel – melhorar os movimentos e posição gráfica). Deverá, também, corrigir erros específicos do grafismo, como a forma/tamanho/inclinação das letras, o aspeto do texto, a inclinação da folha e a manutenção das margens/linhas.

Torres; Fernández (2001) acrescentam ainda a necessidade de se contemplarem técnicas de relaxamento global e segmentar, que podem ajudar a criança a reduzir os índices de ansiedade, stress, frustração e também baixa autoestima. Como sabe-se, estas crianças são, na sua generalidade, alunos tímidos, sossegados (mas inquietos internamente), com motivação/interesse pela escola, reduzidos e com baixos níveis de autoestima e autoconceito.

## A DISORTOGRAFIA

Etimologicamente, o termo "disortografia" se origina da junção dos conceitos "dis" (desvio), "orto" (correto) e "grafia" (escrita), denotando uma dificuldade caracterizada por “um conjunto de erros na escrita que afetam a palavra, mas não sua grafia ou traçado,” conforme esclarecido por Vidal (1989, p. 76). Vale ressaltar que uma criança disortográfica não necessariamente é disgráfica.

Essa perturbação impacta as habilidades de escrita, manifestando-se através de dificuldades persistentes e recorrentes na capacidade da criança em

elaborar textos escritos. As dificuldades concentram-se na organização, estruturação e composição dos textos, resultando em construções fráscas geralmente pobres e curtas. Observa-se, ainda, a presença de diversos erros ortográficos e, por vezes, uma qualidade gráfica inferior (Pereira, 2009, p. 9).

O processo de intervenção na perspectiva de Torres; Fernández (2001) voltado para alunos com disortografia não deve obedecer a um único modelo em concreto, mas sim a uma variedade de técnicas que tenham em conta não apenas a correção dos erros ortográficos, mas também a percepção auditiva, visual e espaço temporal, bem como a memória auditiva e visual. Salientam Torres; Fernández (2001) duas áreas importantes na reeducação da disortografia: a intervenção sobre os fatores associados ao fracasso ortográfico e a correção dos erros ortográficos específicos.

No que diz respeito à primeira, são importantes os aspetos relacionados com a percepção, discriminação e memória auditiva (exercícios de discriminação de ruídos, reconhecimento e memorização de ritmos, tons e melodias) ou visual (exercícios de reconhecimento de formas gráficas, identificação de erros, percepção figura-fundo); as características de organização e estruturação espacial (exercícios de distinção de noções espaciais básicas, como direita/esquerda, cima/baixo, frente/trás); a percepção linguístico-auditiva (exercícios de conscientização do fonema isolado, sílaba, soletração, formação de famílias de palavras, análise de frases); e também exercícios que enriqueçam o léxico e vocabulário da criança.

Afirmam ainda os autores que quanto à intervenção específica sobre os erros ortográficos, atente-se particularmente nos de ortografia natural (exercícios de substituição de um fonema por outro, letras semelhantes, omissões/adições, inversões/rotações, uniões/separações); de ortografia visual (exercícios de fonemas com dupla grafia,

diferenciação de sílabas, reforço da aprendizagem); e de omissão/adição do “h” e das regras de ortografia (letras maiúsculas/minúsculas, “m” antes de “b”/“p”, “r”/“rr”).

Por outro lado, é importante, também, que se diferenciem os erros de ortografia das falhas na compreensão e, conseqüentemente, da possibilidade de elaboração de respostas. No momento da avaliação, é importante dar-lhe mais tempo para responder às questões e/ou certificar se de que os enunciados/questões foram compreendidos; privilegiar a expressão oral também poderá ser uma boa estratégia. Para finalizar, importa acrescentar que qualquer que seja o procedimento a adotar, é importante que o educador (seja ele o professor, o psicólogo, o pai, o tio ou o irmão) tenha em conta as reais habilidades e dificuldades da criança e seja capaz de planear um conjunto de atividades que vão ao encontro dessas (in) capacidades específicas.

Tal como informa Micaelo (2005, p. 59) “o trabalho a desenvolver (...) passa, acima de tudo, por conhecer as características individuais de cada aluno e o seu modo de funcionamento, de forma a encontrar as respostas pedagógicas adequadas”.

## A DISCALCULIA

Etimologicamente, discalculia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “calcular” (calcular, contar), ou seja, é “um distúrbio de aprendizagem que interfere negativamente com as competências de matemática de alunos que, noutros aspectos, são normais.” (Rebello, 1998, p. 230).

Assim, trata-se de “uma desordem neurológica específica que afeta a habilidade de uma pessoa compreender e manipular números.” (Filho, 2007). Indicadores estatísticos dizem-nos que a maior parte dos alunos revela problemas na aprendizagem desta disciplina. Muitos deles não compreendem os enunciados dos problemas, outros demoram muito tempo a perceber se precisam de somar/dividir/multiplicar e alguns não conseguem

concluir uma operação aparentemente simples. É importante referir, no entanto, que estas dificuldades podem não estar associadas a fatores como a preguiça/desmotivação/desinteresse (como alguns pais/professores julgam), mas relacionadas com a discalculia.

A matemática é uma disciplina extremamente importante para o dia a dia, uma vez que se lida com números e realizam-se cálculos em inúmeras situações do cotidiano. Deste modo, o primeiro aspecto a ter em conta na intervenção com uma criança com discalculia é, precisamente, fazê-la perceber o quão importante é dominar esse pretensso “bicho de sete cabeças” fornecendo-lhe exemplos das vantagens obtidas no seu dia a dia: a ver televisão (reconhecimento dos canais televisivos); a jogar computador (número de níveis concluídos/alvos abatidos); a jogar à bola (contar o número de gols/analisar distâncias para a marcação dos pênaltis); a brincar às casas das bonecas (dimensões dos quartos/cozinha) (Sacramento, 2008).

O educador deve, sempre que possível, planejar atividades que facilitem o sucesso do aluno e que o ajudem a melhorar o seu autoconceito e a sua autoestima. Pode, por exemplo, recorrer à utilização de jogos e outros materiais concretos que promovam a manipulação por parte da criança: é importante que a criança possa observar, tocar, mexer num cubo quando está, por exemplo, a aprender os sólidos geométricos, caso contrário será difícil compreender as noções de lado, vértice e aresta.

Para Sacramento (2008), o uso da calculadora deve ser permitido, bem como a consulta da tabuada, pois estas crianças têm, tal como já foi referido, dificuldades ao nível da memória; assim, podem ser capazes de resolver um exercício (raciocínio correto), mas incapazes de realizar as operações matemáticas necessárias para a sua conclusão.

Para finalizar, e recorrendo às palavras de Sacramento (2008), resta acrescentar o fato de que o diagnóstico de discalculia é sempre (e apenas) uma

descrição do atual período de desenvolvimento, aplicável por um período máximo de um ano. Como a criança está em constante desenvolvimento, as dificuldades que existem no ano anterior podem ser minimizadas no ano seguinte. Se o aluno receber a intervenção adequada, a possibilidade de desenvolvimento das capacidades matemáticas é grande. No entanto, muitas vezes, algumas destas dificuldades permanecem de uma forma suave (recordar dados numéricos, por exemplo) por toda a sua vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se chegar ao final desse artigo pode-se afirmar sem sombras de dúvidas que foi possível se atingir com êxito todos os objetivos traçados em seu início.

A aprendizagem é um processo complexo e diversificado, e as dificuldades que os alunos enfrentam desempenham um papel significativo na forma como eles se envolvem com a educação. Entre as várias dificuldades de aprendizagem que afetam os alunos, destacam-se a dislexia, a disgrafia, a disortografia e a discalculia, cada uma delas representando um conjunto único de desafios. Estas dificuldades têm um impacto profundo na qualidade da educação que os alunos recebem e exigem uma abordagem individualizada para atender às suas necessidades.

A dislexia, por exemplo, é uma dificuldade que afeta a leitura, tornando a compreensão de textos uma tarefa árdua. A disgrafia, por sua vez, afeta a habilidade de escrever de forma clara e legível.

A disortografia se relaciona com a dificuldade em escrever de forma ortograficamente correta, e a discalculia afeta a habilidade de realizar cálculos matemáticos. Essas dificuldades não apenas desafiam os alunos em sua jornada educacional, mas também podem causar frustração, baixa autoestima e desmotivação. Os educadores, portanto, enfrentam a



responsabilidade de identificar essas dificuldades precocemente e proporcionar o suporte necessário. Isso inclui a adaptação de estratégias de ensino e avaliação, a fim de atender às necessidades específicas dos alunos. É importante reconhecer que as dificuldades de aprendizagem não estão relacionadas à inteligência dos alunos. Muitas vezes, esses indivíduos possuem habilidades excepcionais em outras áreas, como criatividade, resolução de problemas e habilidades sociais.

Portanto, é crucial promover uma cultura inclusiva que valorize a diversidade de talentos e habilidades. Em conclusão, as dificuldades de aprendizagem, incluindo a dislexia, a disgrafia, a disortografia e a discalculia, representam desafios significativos na educação.

No entanto, com o apoio adequado, estratégias de ensino personalizadas e uma compreensão mais profunda por parte dos educadores, os alunos que enfrentam essas dificuldades podem superá-las e alcançar seu pleno potencial. A inclusão e o respeito à diversidade de habilidades são fundamentais para uma educação eficaz e equitativa.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO Portuguesa de Pessoas com Dificuldades de Aprendizagem com Dificuldades de Aprendizagem Específicas. **Discalculia**. 2011. Disponível em: <<http://www.appdae.net/discalculia.html>>. Acesso em: 9 out de 2023.
- BARBOSA, M. M.; MORBIDELLI, N.; DE SOUZA, J.; DE PAULO, L.; DA SILVA, D. Compreendendo a disgrafia no processo de ensino/aprendizagem: uma abordagem multiprofissional e possíveis técnicas de intervenção. **Revista Científica e-Locução**, v. 1, n. 19, p. 21, 29 jun. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: Introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 1. 103 p.
- CAMARGO, M. J. G. **Disgrafia Motriz**. 2008. Disponível em: <<http://www.neuropediatria.org.br/index.php?>> Acesso em: 19 de out. de 2013.
- CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas**. Lisboa: LIDEL, 2009.
- FILHO, C. R. C. **Jogos Matemáticos para estimulação da inteligência nos distúrbios de Discalculia**. 2007. Disponível em: <<http://www.webartigos.com>> Acesso em: 15 de out. de 2023.
- MICAELO, M. Os Alunos com Baixa Visão na Sala de Aula. In I. SIM-SIM, I. (Coord.) **Necessidades Educativas Especiais: Dificuldades da Criança ou da Escola?** (p. 47-60). **Coleção Educação Hoje**. Lisboa: Texto Editores, 2005.
- MOURA, O. **Portal da Dislexia**. 2011. Disponível em: <<http://www.dislexia.pt.com>>. Acesso em: 19 dez. 2011.
- OSTI, A. **Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais: reflexões para a formação docente**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- PEREIRA, R. S. **Dislexia e Disortografia – Programa de Intervenção e Reeducação** (vol. I e II). **Montijo: YouBooks**, 2009.
- PEREIRA, V.A.; JESUS, D.S DE; CATARINO, E.M; PEREIRA, T. C. B. Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: possibilidades e desafios. **Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais**, Luziânia, v. n. 2021.
- REBELO, J. A. Dificuldades de Aprendizagem em Matemática: as suas relações com problemas emocionais. Coimbra: **Revista Portuguesa de Pedagogia**, 2, 227-249, 1998.
- RIEF, S.; HEIMBURGE, J. Como ensinar todos os alunos na sala de aula inclusiva: estratégias prontas a usar, lições e atividades concebidas para ensinar alunos com necessidades educativas especiais de aprendizagem diversas (vol. I). **Coleção Educação Especial**. Porto: Porto Editora, 2000.
- SACRAMENTO, I. **Dificuldades de Aprendizagem em Matemática: Discalculia**. 2008. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-artigos>>. Acesso em: 21 de out. de 2023.
- SILVA, Maria Cecília Almeida e Silva. **Psicopedagogia: Em busca se uma Fundamentação Teórica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- SISTO, Fermio Fernandes (et. al. – orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- STERNBERG, R. J.; GRIGORENKO, E. L. **Crianças Rotuladas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- TELLES, P. O Valor de saber ler. 2009. Disponível em: <<http://www.clinicadedislexia.com.br>>. Acesso em: 25 de out. de 2023.
- TORRES, R.; FERNÁNDEZ, P. **Dislexia, Disortografia e Disgrafia**. Amadora: McGrawHill, 2001.
- TRISTÃO, Rosana Maria. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento**. 4ª ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.
- VIDAL, Garcia. J. **Manual para la confección de Programas de desarrollo Individual**, vol. II, Madrid: EOS, 1989.